

### O futebol não profissional a partir da ciência geográfica: lugar como categoria e amadorismo como resistência<sup>1</sup>

Vinícius Carluccio de Andrade<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como proposta fortalecer as conexões entre a Geografia e os estudos sobre futebol. Assim, há a defesa da importância da categoria geográfica de lugar (basilar à corrente da Geografia denominada “Humanista”), que remete ao cotidiano e às relações de pertencimento ao espaço, para melhor compreensão sobre o que é e o que representa o futebol amador. Ademais, o futebol amador pode ser lido como espaços de resistência (resistência ao futebol espetacularizado, à destruição de redes de solidariedade, à negação do ócio e à restrição do lazer). O jogo pelo jogo encontrado no amadorismo traz uma discussão essencialmente geográfica e escalar sobre as articulações local-global e permite que torcedores e jogadores não sejam, respectivamente, consumidores e mercadorias. Além disso, uma breve apresentação do espaço urbano como campo simbólico (com projeções de valores e crenças nas formas espaciais) permite questionamentos sobre o uso e a apropriação do entorno e a garantia ao lazer.

**Palavras-chave:** Futebol amador; Geografia; lugar; resistências; futebol de várzea.

*“Futebol se joga no estádio?  
Futebol se joga na praia,  
futebol se joga na rua,  
futebol se joga na alma.”  
(ANDRADE, 2014, p. 13).*

### 1. Introdução

A “Geografia se abriu para o mundo” (OLIVEIRA, L., 2017a, p. 38). Assim, associou-se a diversas ciências e trouxe para sua área novos vocábulos. A preocupação

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GT - Futebol Amador e de Várzea, 4º Simpósio Internacional de Estudos do Futebol

<sup>2</sup>Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). [viniciuscandrade4@gmail.com](mailto:viniciuscandrade4@gmail.com)

passou a ser analisar a realidade de uma maneira integrada, de conjunto, “constituindo-se não em um conhecimento não meramente descritivo ou classificatório, mas muito mais explicativo, analítico e predizível” (OLIVEIRA, L., 2017a, p. 42). Observa-se, portanto, um desenvolvimento crescente que proporciona pesquisas interdisciplinares. Destarte, estudos sobre futebol são bem-vindos na Geografia. Santos (2021), por exemplo, pontua como a Geografia não pode ser uma ciência isolada. No passado, era obrigatório superar uma Geografia que apenas quantificasse, sem olhar para o social. Com isso, há a defesa por uma Geografia interdisciplinar, isto é, que não tenha medo de se abrir.

Entretanto, antes de prosseguir, um adendo é imprescindível. Preteritamente, as discussões mais acaloradas ocorriam quando se questionava “O que é Geografia?”. Contudo, Santos (2021) sustenta que o objetivo central não deve ser definir o que é Geografia, mas sim conceituar seu objeto de estudo, o espaço geográfico, dotado de enorme complexidade. Ao adentrar na discussão sobre o que seria espaço geográfico, uma totalidade em totalização (SANTOS, 2008a), apreende-se a importância de se estudar o futebol. Lívia de Oliveira (2017b) pontua a demanda de comunicação e de intercâmbio entre ciências e áreas distintas - e novamente o futebol aparece como horizonte de trabalho futuro (MASCARENHAS, 2005). A Geografia, com suas duplas faces (Geografia Física e Geografia Humana; Geografia Geral e Geografia Regional), tem como tarefa vencer as dicotomias<sup>3</sup> e abraçar o todo. O encontro, por meio de laços interdisciplinares, amplia o alcance (OLIVEIRA, L., 2017b). Superar uma visão que trate da Geografia como “ciência dos lugares [no sentido de localização] e não dos homens” (HOLZER, 2012, p. 293) é uma tarefa árdua, mas extremamente vital. Os estudos sobre futebol são um caminho viável. Mascarenhas (2001), quando critica uma Geografia “fria”, sem uma conexão com o social e presa aos números (o que, para o autor, deforma a realidade com modelos matemáticos), defende a necessidade de uma

---

<sup>3</sup> Um exemplo interessante de conexões entre especialidades que, em tese, não se encontrariam está presente na obra de Ab’Saber (2007). Embora seu estudo seja de Geomorfologia (classicamente relacionada à Geografia Física), Ab’Saber (2007) apresenta as intersecções entre rios meandantes, planícies fluviais, ocupação humana e futebol de várzea (e aqui a menção se justifica). Através de uma reconstrução histórica, um íntimo nexos entre o relevo e o futebol de várzea aparece: sem uma capacidade de intervir e modificar tanto o entorno, os homens partiam para as margens dos rios, planas, em busca do lazer (futebol). Ab’Saber (2007) ainda escreve como o futebol de várzea foi berço para clubes que se profissionalizaram e se tornaram tradicionais em São Paulo-SP.

metodologia de abordagem geográfica no que tange ao futebol, que, inegavelmente, faz parte do cotidiano.

Dessa forma, dois caminhos podem ser seguidos para abordar o futebol amador. O primeiro refere-se à categoria geográfica de lugar; o segundo, ao futebol amador como espaço de resistência às transformações globais. Como se percebe, há uma discussão inerentemente geográfica que permeia o futebol amador/de várzea: a relação local-global. Marandola Junior (2012) apresenta o velho embate entre localismo e globalismo; Allan de Paula Oliveira (2013) argumenta que a relação local-global é pautada por teias burocráticas e normativas que visam à vigilância. Os discursos são quase opostos. Embora não exista um consenso acerca da relação local-global, é possível afirmar que o global traz uma força externa e o local resiste. No entanto, não se pode generalizar: nem sempre o local tem um papel ativo, aceitando, em alguns casos, as imposições exteriores (SANTOS, 2020).

Em seguida, uma breve exposição mais epistemológica é crucial. A Geografia tem categorias-chave para estudos. Elas são território, região, paisagem e lugar. Cada uma traz uma vasta bibliografia consigo. Nesse caso, para estudar o futebol amador, a última categoria é a mais interessante. Em conformidade com Livia de Oliveira (2012), a Geografia Humanista - ou, para Tuan (1976), Geografia Humanística - é a corrente que mais concentra seus esforços no lugar. Segundo a pesquisadora (OLIVEIRA, L., 2012, p. 15), “refletir sobre o lugar é refletir sobre o seu sentido na geografia”. O lugar será mais profundamente analisado na próxima seção, mas, em linhas gerais, relaciona-se às dimensões significativas que são construídas a partir da experiência, com sentidos atribuídos. O lugar faz parte do cotidiano; é a base de experiência que se conecta com a inserção no mundo (MARANDOLA JUNIOR, 2012). Algumas palavras, por conseguinte, são medulares: pertencimento, afeto, cotidiano, dia a dia, sentimentos, etc. Outrossim, Holzer (2012) assinala que a noção de lugar, na Geografia, está para além de locação ou localização espacial (como se fosse um determinado ponto no mapa). O lugar é constituído a partir da experiência de mundo ou experiência geográfica.

Ademais, adentrando nos aspectos do futebol amador, é plausível observá-lo como uma resistência proximamente conectada ao lugar. Na escala global, o futebol se tornou uma indústria altamente concentrada (FAVERO, 2009). A mercantilização afeta

até mesmo os jogadores: eles passam a ser vistos como mercadorias. Os torcedores são consumidores<sup>4</sup>. Todavia, o futebol amador/de várzea<sup>5</sup> é uma alternativa que vence a “aliança mídia-esporte-negócios” (MASCARENHAS, 2014, p. 54) e funciona como resistência ao empreendedorismo urbano. Os torcedores são, segundo Favero (2009), protagonistas nas várzeas. O futebol não-profissional, então, além de resistir, é o encontro do lazer e da aproximação com o cotidiano diante de uma conjuntura caracterizada, para Holzer (2012), pelo afastamento do homem do mundo cotidiano como fruto da crescente divisão do trabalho e pela sofisticação das técnicas. “A história social do futebol se inscreve na história do lugar e com ele dialoga intensamente” (MASCARENHAS, 2005, p. 68). Há, conjuntamente, uma extensa teia de significados e uma Geografia a ser desvelada.

O futebol é uma forma simbólica e “um vigoroso agente produtor de paisagens, tradições e identidades” (MASCARENHAS, 2005, p. 61) por meio de suas expressões. Apreende-se, ainda, que existe uma relação entre a cidade e o futebol<sup>6</sup>. Se “a paisagem urbana é o resultado da geografia e da história” (OLIVEIRA, L., 2017c, p. 175), lutas de interesses são naturais. A área utilizada para o futebol amador, por exemplo, é menor que a para o futebol profissional, com uma enorme materialidade, o estádio. Assim, o futebol amador, à medida que ocupa um espaço, resiste às transformações ordenadas por atores hegemônicos que buscam uma constante valorização (para acúmulo de capitais). Os investimentos não são facilmente aplicados; uma resistência social feroz luta pela permanência de seu cotidiano. O futebol amador levanta, também, alguns questionamentos: “Quem ocupa esse espaço?”, “Por que, historicamente, essa comunidade está nesse espaço?”, “Quais são as lutas e os conflitos existentes?”, etc. A despeito de ser uma nova forma de uso do tempo livre e de apropriação do corpo/tempo/espaço (MASCARENHAS, 2001), o futebol amador é símbolo de persistência por permitir o direito ao ócio.

<sup>4</sup> Para Santos (2008b, p. 46), “o consumo comanda nossas formas de inação”.

<sup>5</sup> Aqui, não se almeja diferenciar futebol amador de futebol de várzea. Embora cada um tenha suas especificidades nessa diversidade de “futebóis”, ambos funcionam como espaços de resistência frente à mercantilização e à profissionalização avassaladoras que estão no contexto futebolístico.

<sup>6</sup> Relação esta que vai além da associação grandes metrópoles-grandes times. Cidade e futebol associam-se além dos principais eixos econômicos - como, por exemplo, é possível ligar os clubes mais ricos à Região Concentrada (densa em ciência, tecnologia e informação) de Santos e Silveira (2006). A relação aqui destacada trata da produção do espaço e seus conflitos.

## 2. Uma abordagem teórica: a categoria geográfica de lugar e sua relação com o futebol amador

Antes de partir para uma discussão teórica mais densa, uma afirmação pode ser feita: o futebol, no Brasil, é constituinte dos lugares por ser um “elemento central na cultura brasileira” (MASCARENHAS, 2005, p. 62). O seu simbolismo é gigantesco por produzir significados e sentidos. Em outro texto, Mascarenhas (2001) destaca a importância do lugar, onde se dá a vida cotidiana e engloba as especificidades do local. O lugar remete ao princípio de contiguidade, onde ocorre o acontecer solidário (SANTOS, 2008a). De forma genérica, “os lugares (...) podem ser vistos como um intermédio entre o Mundo e o Indivíduo” (SANTOS, 2008a, p. 314), enfatizando a vizinhança e a produção da consciência com base na densidade social. Constatase, por conseguinte, que a categoria geográfica de lugar precisa da copresença e do intercâmbio entre indivíduos (algo potencializado pelas trocas existentes no futebol amador). Nas palavras de Santos (2008a, p. 322), introduzindo um pouco do abordado pelos geógrafos humanistas,

No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições - cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações de espontaneidade e criatividade.

Embora tal definição pareça demasiadamente abstrata, tem uma aplicação. “O sentido de lugar implica o sentido vida” (OLIVEIRA, L., 2012, p. 3). Assim, estudar o lugar é estudar o homem e suas inter-relações (seja com outras pessoas ou com o seu meio ambiente). A vizinhança e as proximidades são centrais; é a extensão dos acontecimentos que permite “estar aqui e não acolá” (OLIVEIRA, L., 2012, p. 10). Conforme aponta Marandola Junior (2012), o lugar é onde ocorre o encontro e a construção de identidade. O envolvimento do homem com a terra (popularmente chamado de “topofilia” por Yi-Fu Tuan) remete ao tempo vivido e, consequentemente, à

memória. A abstração, assim, apaga-se: “ao invés de um conceito científico de conteúdo abstrato, lugar se refere à mundanidade de nosso cotidiano, e por isso ele é fundamental quando pensamos o ser-no-mundo e a existência” (MARANDOLA JUNIOR, 2012, p. 230). O lugar, então, é muito mais simples do que se parece (e por isso defini-lo tem tantas voltas): é onde ocorre a experiência contemporânea e dinâmica. Somando-se a isso, outras esferas relacionadas ao lugar podem ser levantadas.

Uma das maiores referências da Geografia Humanista/Humanística é Tuan. Segundo o autor (TUAN, 1976), o foco da Geografia Humanística (mais preocupada com o lugar) é estudar as pessoas e suas condições, ou, simplificada, o homem e sua condição. As relações com a natureza, o comportamento geográfico, os sentimentos e as ideias sobre espaço, assim como experiências diretas (tal qual cheiro e tato) e emoções experienciadas, são basilares para a resposta da seguinte questão: “como as pessoas se envolvem emocionalmente com o lugar?” (TUAN, 1976, p. 274, tradução do autor)<sup>7</sup>. O foco é outro: a Geografia Humanista centra-se mais nas experiências cotidianas. Ainda no mesmo raciocínio, “o mundo dos fatos geográficos inclui não só clima, fazendas, assentamentos e Estados-nação, mas também sentimentos, conceitos e teorias geográficos. Um [geógrafo] humanista olha para esse mundo de fatos e pergunta: o que isso significa?” (TUAN, 1976, p. 276, tradução do autor)<sup>8</sup>. Ora, é fácil identificar como o futebol emociona e impacta nos sentimentos; o lugar é uma categoria viável para análises que misturem Geografia e estudos sobre futebol.

O desafio constituinte da categoria em questão é examinar o caminhar do homem sobre a terra e o espaço sem reduzi-los às dimensões materiais, lógicas e formais (MARANDOLA JUNIOR, GRATÃO, 2003). A busca é pela valorização da vida em sentido amplo. Vale mencionar, porém, que o lugar se refere a uma escala geográfica pequena, isto é, local (casas, ruas, bairros). Novamente, o vínculo global-local aparece. Santos (2008a) indica que o global não condiciona o local da mesma forma que o local condiciona o global (pelo menos não na mesma escala/proporção), mas situações intermediárias (fruto da dialética local-global) podem aparecer. A

<sup>7</sup> “How do people become emotionally involved with place?” (TUAN, 1976, p. 274).

<sup>8</sup> “The world of geographical facts includes not only climate, farms, settlements, and nationstates, but geographical sentiments, concepts, and theories. A humanist [geographer] looks at this world of facts and asks, what does it mean?” (TUAN, 1976, p. 276).

discussão, embora complexa, é exemplificada através dos choques entre o futebol amador e o futebol espetacularizado, mencionados adiante, na próxima parte do artigo.

O lugar, além de tudo, tem o *self* como centro devido à importância da experiência (OLIVEIRA, L., 2013). Entretanto, essas experiências perpassam o coletivo (como é o exemplo do futebol amador, jogado e disputado em conjunto). Segundo Holzer (2012, p. 291), “o ‘lugar’ está ligado a vivências individuais e coletivas a partir do contato do ser com seu entorno”. O envolvimento é essencial ao lugar. Assim, o meio social salienta-se em relação ao meio físico. “A familiaridade com dada porção do espaço, pela experiência, faz torná-la lugar” (OLIVEIRA, L., 2012, p. 11). A trivialidade é primordial: o dia a dia proporciona uma relação afetuosa com o meio. O lugar transporta um significado mais profundo e mais íntimo, sendo, também, experienciado como aconchego. “Para os indivíduos, (...) lugar significa seus lares, suas residências, seus lugares de trabalho, de lazer [a exemplo do pequeno campo de futebol onde se joga no fim de semana], enfim de todas as suas ações” (OLIVEIRA, L., 2012, p. 12).

Igualmente, o lugar pode ser compreendido como a relação homem-terra, potencializadora da consciência de condição humana (OLIVEIRA, L., 2017b). Aparecem, mais uma vez, os sentidos, as afetividades, a experiência e, principalmente, a relação existencial. Holzer (2012, p. 282) define o lugar como fundamental para a “experiência intersubjetiva de espaço (mundo) em seus fundamentos”. As vivências cotidianas (das quais fazem parte, por exemplo, torcer pelo time do bairro) são imprescindíveis para um centro de significados. O futebol está presente na construção da subjetividade de muitos - em especial o amador, mais próximo de todos. É uma tarefa para a Geografia, pois, conhecer não só o suporte físico, mas também como o futebol influencia no espaço geográfico. Além da localização, o estudo do ser e dos corpos que ocupam os lugares é indispensável para a Geografia - e os estudos sobre futebol, por sua vez, fazem isso muito bem.

Continuando nas diferentes definições de lugar, Marandola Junior (2012, p. 243) defende-o como um “casulo protetor”<sup>9</sup>, de base existencial. O lugar, portanto, é indissociável do ser-e-estar-no-mundo, considerando que o mundo circundante (junção

---

<sup>9</sup> Em outras palavras, Marandola Junior (2012, p. 243) fala em “segurança ontológica”.



do entorno físico com um sistema de relevâncias simbólicas) traz esferas de proteção. O espaço é pensado, como consequência, a partir desse ser-no-mundo, conectado à vida diária cotidiana, cuja característica central é a copresença. O lugar deve ser entendido “no centro do mundo circundante da cotidianidade, enquanto fundamento espacial da existência” (MARANDOLA JUNIOR, 2012, p. 245) e opera como centro cognitivo, afetivo e lógico do mundo vivido. O “eu” se forma a partir do lugar, mas o lugar não se forma sem o “eu”: é uma relação novamente dialética - ambos os polos se influenciam mutuamente. Dessa maneira, mais uma característica do lugar pode ser evidenciada: o dinamismo. O lugar é construído a partir da circunstancialidade do ser-no-mundo, isto é, das vivências (processos dinâmicos circundantes) do indivíduo, que não são unas e imutáveis, mas sim fluídas. Apesar desse enorme arsenal teórico (e abstrato), o lugar não é tão complicado quanto se imagina: é a “referência para pensar a escala local da produção da vida cotidiana” (MARANDOLA JUNIOR, 2012, p. 239). Em suma, o lugar, de acordo com o autor, é uma tranquilizadora extensão do ser que fornece segurança. E é aí que o futebol amador aparece com papel imperioso: por fazer parte (e por ser uma extensão de lazer e até certo ponto de segurança) dos cotidianos de muitos, o futebol jamais pode ser desvincilhado da categoria geográfica de lugar nas regiões em que é popular. O ato de jogar futebol (sobretudo aquele que não é profissional) poderia ser facilmente inserido na seguinte situação hipotética utilizada para definir lugar:

Estar no mundo, viver no planeta Terra, nascer neste país, morar nesta cidade, estudar nesta escola implicam sentir-se em casa, familiarizado com o nosso “lugar”, incrustado no nosso “espaço”. É estar “orientado no espaço e sentir-se à vontade em um lugar”. É experienciar a alegria de acordar e de dormir em uma cama confortável, comer uma refeição quentinha, (...) sonhar acordado e fantasiar dormindo (OLIVEIRA, L., 2013, p. 93).

### 3. O amadorismo como resistência

Há uma ampla gama de análises a serem feitas acerca do futebol amador/de várzea, partindo do pressuposto de que essa prática esportiva é essencialmente local. Assim, facilita o amadurecimento de relações de solidariedades entre os jogadores (amadores) que, na vida profissional, são professores, médicos, engenheiros, pedreiros, lixeiros, empresários, barbeiros, garçons, etc. Entretanto, um complemento é necessário:



o local sofre influências do global. Nesse ponto, as contribuições de Santos (2008b) são extremamente valiosas. Segundo o autor, a globalização aparece com três faces: fábula, perversidade e possibilidade. A primeira é o mundo como tal nos fazem crer; a segunda, o mundo como é; a terceira, o mundo como pode ser. Suas contribuições, portanto, são fundamentais para entender os discursos que cercam o meio futebolístico. O futebol internacional tem suas perversidades e o modo de jogar/treinar local entra, muitas vezes, em conflito com o hegemônico<sup>10</sup>. A várzea é a possibilidade do futebol, é o jogo pelo jogo, o lazer pelo lazer. Santos (2008b), com um viés otimista, escreve que a globalização atual, pautada pela tirania do dinheiro, não é irreversível - e o futebol espetacularizado<sup>11</sup> não é reproduzido passivamente em todo o globo.

O futebol, para Mascarenhas (2001), apresenta-se como possibilidade de lazer e, por outro lado, como espetáculo de massas. São lados distintos e o segundo pode ser lido como um problema. O primeiro (lazer) estabelece um nó com a popularização do futebol; o segundo é o futebol enquanto profissionalismo, que adentra nas perversidades da espetacularização (MASCARENHAS, 2005). A lógica vigente do futebol espetacularizado é mercantil. A reorganização do futebol segundo esse pilar traz a desvalorização do local por certames mais lucrativos (os internacionais). Como resultado, os atletas - jogadores profissionais de futebol, “pés-de-obra” conforme Favero (2009) - não instituem vínculos emocionais e vivem uma constante migração (de clube para clube, de município para município, de estado para estado, de país para país, etc). É importante mencionar, porém, que existe um jogo de forças sociais em ação: nada é aceito apática ou desinteressadamente. O futebol faz parte do lugar.

Ao analisar uma situação prática (a Suburbana, campeonato curitibano de futebol amador), Allan de Paula Oliveira (2013) desvela relações comunitárias e de reciprocidade, que consolidam pequenas redes sociais e econômicas. Os clubes são espaços de sociabilidade enquanto a profissionalização representa uma cisão no meio

---

<sup>10</sup> O *tiki-taka*, por exemplo, dificilmente será aplicado com êxito nas várzeas do Brasil. São esferas distintas: o *tiki-taka*, exacerbadamente profissional, racional e caracterizado pela excessiva posse de bola não se assemelha à psicofera - “resultado das crenças, desejos, vontades e hábitos que inspiram comportamentos filosóficos e práticos, as relações interpessoais e a comunhão com o Universo” (SANTOS, 2013, p. 30) - de um jogo em um gramado de baixa qualidade em um final de semana. Na várzea, existe o jogo pelo jogo, ou melhor, o lazer pelo lazer (embora a busca pela vitória esteja presente).

<sup>11</sup> É impressionante como a obra de Debord (1997) é constantemente mencionada para avaliar o futebol profissional.

futebolístico. Embora na Suburbana um “modelo reduzido” de profissionalismo seja encontrado, as características são diferentes (do modo de jogar ao modo de torcer). Até mesmo em um nível intermediário entre o local e o global, o futebol guarda características inerentes ao lugar. O global busca homogeneizar por meio de vinculações hierárquicas, as verticalidades (SANTOS, 2013), mas o local almeja preservar a diversidade de futebóis (no plural, signo de heterogeneidade).

Apresentam-se, no futebol amador, “laços com a vida da comunidade, dos bairros, do cotidiano” (OLIVEIRA, A., 2013, p. 132). É o espaço de lazer e de encontro dos moradores. A matriz comunitária depende da prática futebolística, que traz reciprocidades. O futebol amador, ademais, permite que o jogador seja um jogador, ou seja, que permaneça como pessoa, e não como personagem, afinal não domestica as tensões. No futebol midiático, a artificialidade (das emoções e das falas) predomina. No futebol de espetáculo, a “‘impersonalização’ das relações” (OLIVEIRA, A., 2013, p. 136) prepondera. Os pequenos rituais (aquecimento dos jogadores, *ethos* da competição e da vitória, entrevista do radialista, participação da torcida e confusões) estão no futebol amador, mas dão vazão ao sentimento (fundamental para a compreensão do lugar).

O futebol amador tem, além da originalidade (que resiste à falsificação imposta verticalmente, de cima para baixo, no futebol profissional), os clubismos genuínos, “práticas de sociabilidade construídas em torno de diversos fatores (território, etnia, trabalho, geração, dentre outras), lazer, expressão de conflitos sociais (estabelecidos em torno de variáveis diversas, tais como classe, estrato ou etnia)” (OLIVEIRA, A., 2013, p. 122). A tradicionalidade passa a ser fator de análise. Allan de Paula Oliveira (2013) traz uma metáfora: enquanto o futebol de espetáculo/espetacularizado/midiático seria a capa do jornal, o futebol amador, central no cotidiano de alguns, seria a contracapa. A resistência continua e enfrenta a onipresença do futebol espetacularizado.

O futebol hegemônico, altamente “capitalizado” (dominado por grandes empresas, fundos de pensão, bancos, etc), segue uma linha de pensamento na qual tempo é dinheiro (*time is money*), contaminada pela tirania do dinheiro (SANTOS, 2008b). O lazer é, aqui, resistência; o cotidiano enfrenta o *just-in-time*. O tempo não é somente para o trabalho, mas também para o descanso. O futebol amador é, também,

uma defesa da humanidade contra a racionalidade espoliativa que preza só pela negação ao ócio, isto é, o negócio. O futebol profissional, em oposição ao amador, é o “início de uma falência do esporte enquanto sociabilidade” (FAVERO, 2009, p. 12), classificando o jogador de futebol como mais um mero objeto.

A partir dessa despersonalização da *persona* (jogador de futebol), pode-se entender como o futebol de espetáculo é mais uma atividade econômica que visa à expansão de mercados. A várzea é o esporte pelo esporte; o futebol midiático, artigo de consumo na sociedade do espetáculo (FAVERO, 2009). O propósito final do futebol espetacularizado, assim, é a acumulação capitalista, mesmo que, com a internacionalização, haja a perda de identidade dos times<sup>12</sup>. De modo igual, o futebol hegemônico (dentro da diversidade de futebóis) favorece as elites e mantém a concentração. A várzea, por outro lado, representa a popularização. É intrigante notar, aliás, como o futebol espetacularizado se coloca “acima das leis e da moral da sociedade” (FAVERO, 2009, p. 87)<sup>13</sup>. A exploração do trabalho é intensificada.

Os atletas não são indivíduos, mas sim mercadorias; há a transição de pessoa a coisa. Na profissionalização do futebol, o produto impera em um “mercado altamente seletivo e competitivo” (FAVERO, 2009, p. 81). Não se joga, corre, disputa, vive por prazer, mas sim pela pressão por resultados. A exploração extrema dos empresários materializa-se quando jovens jogadores não têm a mínima formação escolar. A crise institucional natural ao futebol hegemônico reflete a idolatria ao cifrão. Os jogadores são mercadorias globais semelhantes às *commodities*. No “futebol enquanto negócio” (FAVERO, 2009, p. 104), a emoção é minimizada até na organização dos campeonatos. Se, na várzea, é comum o mata-mata, no futebol profissional, a previsibilidade reina. As ligas nacionais, com o avanço da globalização como perversidade, passam a ser de pontos corridos. O vencedor é aquele mais regular - e, normalmente, o mais regular é aquele que possui mais investimentos. Segundo Favero (2009), a morte dos mata-matas é reflexo de uma mentalidade neoliberal que preza pela meritocracia. O vencedor das ligas nacionais seria aquele que teve mais “mérito” e pontuou mais por longos meses. A

<sup>12</sup> A lógica é a seguinte: “que diferença faz perder alguns torcedores locais desde que amplos mercados no Sudeste Asiático e no Oriente Médio consumam camisas oficiais e produtos licenciados (além dos caros contratos envolvendo direitos de transmissão)?”. Os ganhos financeiros são multiplicados.

<sup>13</sup> “Por que a exploração de uma criança no mundo da bola não gera a mesma indignação de uma criança trabalhando no corte da cana ou nas carvoarias?” (FAVERO, 2009, p. 87).

virada no último minuto, por exemplo, dilui-se em mais de 30 rodadas. O futebol amador, porém, populariza-se e resiste por causa do imprevisível. O torneio mata-mata traz à tona os mais intensos dos sentimentos.

Destarte, possibilidades de resistência estão presentes e, ao mesmo tempo, latentes (incubadas) no futebol amador/de várzea. No futebol amador, os espaços são apropriados. Como consequência, há o predomínio do lúdico, oposto à competição bem organizada e ao profissionalismo total. Em resumo, o direito ao ócio é soberano. O lugar, uma vez mais, volta à discussão. O lugar, de acordo com Marandola Junior (2012), é o centro onde cuidados e proteção são encontrados. Qualquer desencaxe, causado por indeterminações, impacta o sujeito. Nesse sentido, a produção social globalizada (representada pelo futebol midiático) traz desestabilizações ao lugar (onde o futebol amador predomina). O global pode implicar risco e insegurança nas relações cotidianas.

O local escancara, por consequência, a globalização e seu mundo de fabulações. A tendência de um discurso único busca “apagar” os lugares por meio da homogeneidade, embora, quanto mais se almeja homogeneizar, mais heterogeneidade se forma (SANTOS, 2008b). A diversidade de futebolis vence - embora moldada e influenciada pelo futebol profissional internacional. A preservação e a valorização do conjunto na escala local são instigadas pela presença do passado (OLIVEIRA, L., 2012). Simbolicamente, o pequeno campo de futebol (popularmente chamado de “campinho”, com um gramado irregular, formigueiros, areia, buracos, medidas de linhas laterais não-oficiais, etc) representa essa memória: é um presente (o agora, momento do lazer) que desafia uma ideia de futuro excludente. Esse teórico porvir, em conformidade com as ponderações de Favero (2009), tem um futebol espetacularizado que metamorfoseia os torcedores em consumidores e os jogadores/atletas em coisas.

O lugar, por conseguinte, tem um “papel fundamental na construção de uma nova metanarrativa” (HOLZER, 2012, p. 284). As mudanças impostas verticalmente - em conformidade com Santos (2013) - sofrem resistências no cotidiano. O futebol amador é apenas uma das manifestações dos cidadãos que querem continuar a ser primordialmente cidadãos. O “mundo vivido” (HOLZER, 2012, p. 290) representa a transição do “eu” para o mundo e sua máxima expressão é o lugar. A coletividade

imperar. O futebol amador, com isso, é um “aglutinador” de pessoas. Nos finais de semana e feriados, por exemplo, a partida ocorre e proporciona uma densificação social. O futebol, vale lembrar, é um jogo coletivo; não se joga futebol só. Em contrapartida, no futebol profissional, embora, em campo, o jogo seja coletivo, cada jogador é assediado por um empresário que irá gerir sua carreira. A individualidade entra em choque com a coletividade. Os jogadores profissionais são colegas de trabalho, mas isso não significa que socializem eventualmente para além do centro de treinamento. No futebol amador, apesar das rivalidades, normalmente há um churrasco, uma cerveja, uma conversa de bar, etc. É um direito ao descanso.

Por último, uma breve análise sobre a cidade pode ser feita. O futebol amador/de várzea até aqui mencionado é essencialmente praticado no espaço urbano, dotado de um campo simbólico (CORRÊA, 1989, 1995).

O espaço urbano é também o lugar onde os diferentes grupos sociais vivem e se reproduzem. Isso envolve, de um lado, o cotidiano e o futuro. De outro, envolve crenças, valores, mitos, utopias e conflitos criados no bojo da sociedade de classes e, em parte projetados nas formas espaciais: monumentos, lugares sagrados, uma rua especial, uma favela, **lugares de lazer**, etc. Formas espaciais em relação às quais o homem desenvolve sentimentos, cria laços de afeição ou delas desgosta, atribui-lhes a propriedade de proporcionar felicidade ou status, ou associa-as a dor ou pobreza. (...) O espaço urbano torna-se, assim, um campo simbólico que tem dimensões e significados variáveis segundo as diferentes classes e grupos étnico, etc (CORRÊA, 1989, p. 17, grifo meu).

Apreende-se, então, como os sentidos são atribuídos às formas espaciais (materialidades). Um pequeno campo, por exemplo, guarda histórias (boas - gol da virada no último minuto, um drible fantástico, um pênalti defendido pelo goleiro, etc - ou ruins - gol contra, uma derrota amarga, um empate cedido no último instante, etc) que proporcionam relações de pertencimento (ao espaço) por parte dos locais. Dessa maneira, Livia de Oliveira (2017c) defende uma outra abordagem para perceber ou conceber a cidade enquanto paisagem. Com características da Geografia Humanista, a autora pontua que cores e ângulos também devem ser considerados, além das formas. A cidade é um produto humano e é, pois, diversa tal qual um mosaico. Todavia, a análise não deve ser abstrata. Os integrantes da urbe não devem ficar na invisibilidade. Os

grupos sociais que produzem o espaço urbano precisam ser evidenciados. O campo de futebol amador, assim, somente existe porque alguém, ou melhor, um grupo pensou-o, projetou-o e aplicou-o fisicamente. O embate é inerente aos diferentes projetos de apropriação do espaço. Uma vitória é existente só por ter um espaço de lazer plenamente público - posto que quadras poliesportivas e campos *society* (de grama artificial) em condomínios fechados, ilhas-fortaleza, não representam o contato e o futebol amador, mas sim a exclusão e a segregação. Partindo do princípio de que há um “nós” que integra a paisagem urbana, “o espaço público deveria ser desfrutado por todos, pois os patrimônios culturais são bens a serem compartilhados pelos usuários, por aqueles que transitam pelas ruas, que habitam a cidade” (OLIVEIRA, L., 2017c, p. 175).

O futebol amador, nesse contexto, é uma resistência à segregação, além de promotor do lazer. As propriedades muradas não avançam sobre o amadorismo. Conforme mencionado anteriormente, existe o jogo pelo jogo. Entretanto, há um ataque corrente não só aos espaços do futebol amador, mas também aos cidadãos que se permitem ter um momento de descanso. Essa ofensiva parte de um urbanismo excludente. A lógica predominante argumenta que o que é bom para as empresas, necessariamente é bom para a população. Como efeito da cidade-vitrine/cidade mercadoria, a segregação socioespacial intensifica-se. Se o futebol amador (em sua essência) tem o cuidado com o público, a afronta se dá com a “privatização e [a] mercantilização dos espaços” (MASCARENHAS, 2014, p. 59). Projetos sedutores que prezam pela “modernização”, “refuncionalização” ou “revitalização” das cidades são defendidos por uma elite e pelo mercado imobiliário, desestabilizando o lugar (no sentido da própria Geografia Humanista) de muitos. O discurso é bonito; o resultado, a gentrificação.

Formam-se enclaves, redutos espaciais de consumo frente à miséria e à pobreza urbana. Embora isso pareça não ter relações com o futebol amador, percebe-se como é o micro em sintonia com o macro. O futebol amador, por exemplo, pode ser “expulso” de uma área e os jogadores migrarem para outro bairro, mas isso não ocorre sem uma base por trás. Se os jogadores migram, é porque a “gestão mercadofila” (MASCARENHAS, 2014, p. 62) atingiu mais cotidianos. A lógica da valorização-desvalorização-



revalorização do espaço urbano cerca o âmbito do futebol não-profissional. O amadorismo se coloca mais uma vez como via de resistência, alternativa possível a um mundo instável e comandado por fluxos que respondem a vontades longínquas<sup>14</sup>. Para Mascarenhas (2014, p. 63), a “cidade mercadoria, espaço abstrato, império do valor de troca, espaço concebido e globalizado, moldada para consumidores, confronta os conteúdos sociais da cidade concreta”. A cidade espetáculo (com seus edifícios inteligentes, *skyline* da globalização, e enormes construções voltadas para megaeventos) não atende à maioria; a cidade mercadoria traz a exclusão.

### 4. Considerações finais

Em resumo, percebe-se o quanto a Geografia pode contribuir aos estudos sobre futebol assim como os estudos sobre futebol podem contribuir à Geografia. É uma via de mão dupla. O enriquecimento é mútuo. Novas discussões aparecem e novos horizontes se apresentam. O futebol amador, portanto, permeia o lugar e, como consequência, essa categoria geográfica não pode ser ignorada nas mais diversas análises. Os sentimentos, as relações de pertencimento, as solidariedades e as sociabilidades do dia a dia estão presentes no amadorismo. Não se pode desvincular o futebol amador do cotidiano daqueles que o praticam. Ademais, torna-se inevitável abordá-lo articulado ao global, envolvendo complementações e contradições.

Uma discussão essencialmente geográfica atravessa o futebol amador/de várzea com os embates entre o local e o global. Diferentes escalas estão em contato. Outrossim, a resistência por ele realizada é também exemplar. Além de defender o direito ao ócio frente à tirania do dinheiro, o amadorismo, que encara a profissionalização total, a mercantilização dos atletas e a objetificação dos torcedores, levanta questões relevantes: “Por que este clube está na localização X e não na Y?”, “Quem e por que ocupa este espaço?”, “Quais são as redes econômicas e de solidariedade articuladas entre os jogadores?”, “Quais são os pontos de lazer?”, etc. O descanso, indiretamente, afronta o produtivismo violento que desarticula o coletivo e estimula o individual. O público se

---

<sup>14</sup> As vontades são longínquas porque não respondem aos problemas dos bairros (falta de saneamento básico, educação de péssima qualidade, saúde precária ou qualquer outra necessidade), mas sim aos mandos e desmandos de uma pequena minoria que vê lucros possíveis na produção do espaço urbano. A especulação imobiliária, por exemplo, reflete o interesse dos proprietários, mas não dos habitantes locais, que ficam sujeitos ao aumento do aluguel e do custo de vista.



fortalece frente ao privado. Os modelos de cidade mercadoria sofrem resistências, pois megaeventos, por exemplo, se fazem com megaconstruções que têm, em seus primórdios, expulsões.

Por último, a defesa da ousadia é central para novas linhas de pesquisa que mesclam, com uma base metodológica, Geografia e futebol amador. Há uma riqueza ainda pouco trabalhada. Em concordância com Marandola Junior e Gratão (2003, p. 16), “é preciso ousar!”. Para finalizar, Mascarenhas (2001) sugere perspectivas futuras. A metodologia não pode ser ignorada. Alicerces fundacionais são indispensáveis:

Em síntese, para investigar a difusão espacial do futebol, faz-se necessário um esforço no sentido da elaboração de um novo caminho metodológico. Um caminho que contemple as especificidades do futebol enquanto inovação cultural, e seu movimento de difusão, considerando a atuação de redes e dos fatores condicionantes de cada **lugar** (MASCARENHAS, 2001, p. 80, grifo meu).

Dessa forma, o futebol e suas diversas esferas não podem ser ignorados pela Geografia. Embora estudos normalmente versem sobre o futebol espetacularizado, uma vastidão de conteúdos permanece pouco explorada na escala local. O futebol amador, símbolo de lazer, representa a preservação de pequenas redes de solidariedade. Nesse sentido, as contribuições da Geografia Humanista acerca da categoria geográfica de lugar trazem novas possibilidades e cenários promissores. A interdisciplinaridade é medular para o crescimento da Geografia enquanto ciência - e como desconsiderar ou desprezar o futebol amador, presente no cotidiano de muitos? O futebol não é só o midiático, envolto por transferências volumosas, ímpeto de consumo, profissionalizado e global, mas também o amador, jogado por indivíduos que partilham um lugar, entretenimento em essência, permissão ao ócio e ao tempo livre e voltado para uma escala local. Estudos sobre futebol tem uma potencialidade latente de auxílio no que concerne à compreensão do espaço geográfico, “totalidade em seu processo permanente de totalização” (SANTOS, 2003, p. 200) que tem os homens, as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infraestruturas como elementos (SANTOS, 2020).

### Referências Bibliográficas

AB'SABER, Aziz Nacib. **Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo**. Edição fac-similar - 50 anos. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2007. 360 p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 200 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. 94 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano: notas teórico-metodológicas. **Geosul**, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 13-18, 1993.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238 p.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola**: alguns aspectos da globalização do futebol. 2009. 117f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-08032010-115743/publico/PAULO\\_MIRANDA\\_FAVERO.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-08032010-115743/publico/PAULO_MIRANDA_FAVERO.pdf). Acesso em: 02 jul. 2022.

HOLZER, Werther. Mundo e Lugar: Ensaio de Geografia Fenomenológica. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de (org.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. s/ ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Lugar Enquanto Circunstancialidade. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de (org.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. s/ ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 227-248.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia**, Londrina-PR, v. 12, n. 2, p. 5-19, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>. Acesso em: 02 jul. 2022.

MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura, UERJ**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, jan./dez. 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/3492/2420>. Acesso em: 02 jul. 2022.

MASCARENHAS, Gilmar. Cidade mercadoria, cidade-vitrine, cidade turística: a espetacularização do urbano nos megaeventos esportivos. **Caderno Virtual de**

**Turismo**, v. 14, n. 1, p. 52-65, nov. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1154/115437784005.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2022.

MASCARENHAS, Gilmar. Considerações Teórico-metodológicas sobre a Difusão Espacial do Futebol. **Geo UERJ Revista do Departamento de Geografia, UERJ**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 73-82, 2 sem. 2001. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/49142/32850>. Acesso em: 02 jul. 2022.

OLIVEIRA, Allan de Paula. Entre a várzea e o profissional: sobre um campeonato de futebol amador. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon-PR, v. XIV, n. 29, p. 114-139, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4459/445944242007.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2022.

OLIVEIRA, Livia de. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de (org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. s/ ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16.

OLIVEIRA, Livia de. O Humanismo na Geografia: a contribuição brasileira. In: OLIVEIRA, Livia de. **Percepção do meio ambiente e geografia:** estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. s/ ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017b. p. 77-88.

OLIVEIRA, Livia de. Percepção da paisagem urbana. In: OLIVEIRA, Livia de. **Percepção do meio ambiente e geografia:** estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. s/ ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017c. p.171-178.

OLIVEIRA, Livia de. Que é Geografia. In: OLIVEIRA, Livia de. **Percepção do meio ambiente e geografia:** estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. s/ ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017a. p. 35-46.

OLIVEIRA, Livia de. Sentidos de lugar e de topofilia. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 91-93, Inverno 2013.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a. 392 p.

SANTOS, Milton. A Totalidade do Diabo: Como as Formas Geográficas Difundem o Capital e Mudam as Estruturas Sociais. In: SANTOS, Milton. **Economia Espacial:** Críticas e Alternativas. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 2003. p. 187-204.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método.** 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020. 120 p.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova:** Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021. 288 p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008b. 174p.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo:** Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. 176 p.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 474 p.

TUAN, Yi-Fu. Humanistic Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 6, n. 2, p. 266-276, jun. 1976.